



Editorial

A Revista Musica na Educação Básica foi criada pela Associação Brasileira de Educação Musical para divulgar propostas de educação musical, instigar reflexões sobre o tema, bem como levar os professores que trabalham com música nos diferentes níveis e contextos da Educação Básica a diversificar suas práticas. Sabemos que estas metas estão sendo atingidas: não só é possível verificar que a procura pela publicação tem sido grande, como também conferir que os trabalhos publicados na revista estão influenciando as atividades práticas e sendo creditados nas referências de textos didáticos e/ou científicos de muitos professores. Estes fatos nos dão imensa alegria, pois indicam que estamos caminhando em passos adequados para a qualidade dos trabalhos realizados na escola e confirmam que a ABEM, com sua política de publicações, vem desempenhando um papel fundamental nas mudanças ocorridas no ensino de música em todos os cantos do país.

Textos com caráter pedagógico aparentam ser simples, mas, na verdade, tornam-se complexos em razão de uma característica muito específica: a de serem produções escritas que, necessariamente, para atingir os objetivos do trabalho, na maioria das vezes, relacionados com a aprendizagem, precisam fazer a comunicação entre autor e leitor. A dificuldade decorre do fato de que tanto o autor quanto o leitor têm seus posicionamentos e, em razão do seu contexto sociocultural, são portadores de visões de mundo que podem ser diferentes ou não. Por isso, em nosso entendimento, a relação entre autor e leitor, a mediação do texto visando um determinado tipo de atividade, constitui uma grande dificuldade para as propostas de caráter pedagógico. Neste quarto número, A Revista Musica na Educação Básica mostra que enfrenta com firmeza o desafio de ser mediadora entre vários autores e leitores e que, juntamente com a área de educação musical no Brasil, caminha no rumo da maturidade.

Juliane Raniro e Ilza Zenker Joly abrem este número com o texto *Compartilhando um ambiente musical e afetivo com bebês*, elaborado para destacar que, nas aulas de música oferecidas para um grupo de bebês de oito meses a dois anos e





MÚSICA na educação básica

adultos acompanhantes, as relações afetivas são estimuladas. No relato de diversas atividades realizadas em aula, as autoras ressaltam os valores e laços necessários para serem desenvolvidos com bebês, apresentam as características desse tipo de trabalho e oferecem aos professores de música exemplos que podem ser realizados com grupos semelhantes.



Abrem-se as cortinas: O som da Orquestra e seus Instrumentos, de Janaína Machado Asseburg Lima, é o segundo texto da revista. Suas finalidades são ressaltar a importância do ato de ouvir e apresentar o universo dos instrumentos de orquestra como uma possibilidade de ampliar a experiência de escuta das crianças. A autora sugere formas para trabalhar com esse conteúdo musical nas escolas, descrevendo atividades práticas e fazendo sugestões para auxiliar o trabalho do professor em sala de aula.



Em *Flauta doce como instrumento artístico: uma experiência em sala de aula*, Luciana Aparecida Schmidt dos Santos e Miguel Pereira dos Santos Junior apresentam o método Suzuki e relatam experiências de ensino nas quais valorizaram a flauta doce. Apontando que este instrumento possui recursos e capacidades como outros instrumentos e destacando suas possibilidades artísticas, os autores buscam desmistificar que seu uso sirva apenas como recurso didático. Nesse empreendimento, apresentam características do método de ensino de Suzuki e dão exemplos de como a flauta doce pode envolver os alunos nas produções musicais da escola.



Tendo a paisagem sonora e o desenvolvimento da escuta ativa crítico-reflexiva como fio condutor do trabalho de educação musical, Alessandra Nunes de Castro Silva apresenta, em *Trilha de Sons, construindo a escrita musical*, propostas de atividades que envolvem apreciação, percepção, criação e registro gráfico. Considerando sua experiência com alunos da segunda fase do ensino fundamental, a autora recomenda uma atividade de escuta ativa, a criação de uma trilha sonora, o seu registro com escrita icônica, a execução da mesma em instrumentos alternativos e, ao final, uma avaliação da proposta junto aos alunos.

Verificando que ainda são poucos os professores que utilizam os recursos do conjunto instrumental nas aulas de música na Educação Básica, Zuraida Abud Bas-





tião, em *Prática de conjunto instrumental na Educação Básica*, registra suas reflexões a respeito das possibilidades dessa prática e descreve, a título de sugestões, as atividades vivenciadas em sala de aula quando foi orientadora de estágio supervisionado de um curso de licenciatura. Relata também que, nesse trabalho, participou da apreciação de uma manifestação cultural baiana, originária de países africanos, que suscitou grande interesse e envolvimento dos alunos e posteriormente levou-os à criação de arranjos, acompanhamentos e interpretações de música.

Riffs forever: o rock na sala de aula, dedicado aos adolescentes, é o sexto artigo da revista. A autora, Maria Cecília Cavaliere França, recomenda que sejam realizadas atividades a partir dos marcantes riffs de guitarra que representam o rock, gênero musical tão apreciado pelo público jovem. Dessa forma, destaca a autora, os estudantes seriam motivados a usar a voz e os instrumentos disponíveis para tocar e reinventar o rock. Além de seu valor motivacional, a proposta seria uma forma de estabelecer a integração, no âmbito educativo, entre as atividades musicais de apreciação, performance, criação, história, técnica e leitura musical.

De Andreia Veber e Tiago Brizolara da Rosa, *Jogos digitais online e ensino de música: propostas para a prática musical em grupo* é o último texto deste número. Os autores ressaltam os objetivos educativos e o grande potencial dos jogos digitais como ferramentas educacionais. Além das habituais funções de entretenimento, sua utilização seria uma importante estratégia para o ensino de música, especialmente tendo em vista que muitos são disponíveis gratuitamente em portais virtuais. O artigo contém também discussões baseadas em resultados parciais de um estudo em andamento, assim como propostas didáticas com exemplos de utilização dos jogos digitais em sala de aula, com destaque para a prática musical em conjunto.

Esperamos que os trabalhos apresentados neste número resultem em muitas reflexões e ideias para as práticas de ensino, e que, destas, surjam muitas outras práticas e reflexões e, portanto, outros textos.

Cássia Virginia Coelho de Souza
Viviane Beineke (editora convidada)

